

Informe Congresso Didático

Cartagena – setembro 2016

Prezados Diretores de Institutos,

O Congresso Didático, que se realizou por ocasião do Congresso de Cartagena, abriu um espaço para reflexão sobre temas centrais bem como sobre problemáticas atuais para a Formação e Transmissão da Psicanálise. Teve como objetivo dialogar e colocar em questão diversas perspectivas do ponto de vista de analistas e candidatos pertencentes a diferentes instituições de nossa federação visando abrigar convergências e divergências em torno da temática escolhida.

Nessa ocasião, o Congresso Didático transcorreu durante as atividades do Congresso FEPAL. A razão para essa modificação foi devida à concomitância que havia entre os Pré-Congressos e os Congressos da OCAL, o que excluía os candidatos dos diálogos que propúnhamos. Com o aval da Diretoria da FEPAL procedeu-se a essa mudança, dando assim oportunidade de participação a todos os interessados. Cabe acrescentar que desde o Congresso FEPAL 2014 esta Comissão contou com a participação de um candidato no Painel de Abertura, ressaltando a importância do diálogo com os analistas em formação.

Enviamos-lhes este informe do Congresso Didático de Cartagena, no qual nos pareceu importante resumir os diferentes relatos recebidos dos vários espaços/oficinas de discussão e da forma mais literal possível, registrando as diferentes intervenções dos participantes.

Entendemos ser esta uma forma (poderia ter sido outra) de devolver o que se trabalhou intensamente durante os dois dias do Congresso no painel de abertura, no espaço de discussão, nas supervisões cruzadas e no painel de encerramento.

A intenção foi permitir aos colegas membros e candidatos que estiveram presentes – e também aos que não puderam comparecer – uma visão próxima e o mais direta possível das várias intervenções, encontros e desacordos surgidos devidos à abertura dos espaços de discussão que esta Comissão julgou importante sustentar, de forma a poder abrigar de maneira democrática os diferentes olhares e pensamentos que têm nossos Institutos e Sociedades latino-americanos sobre a formação e a transmissão da psicanálise.

Anexamos os trabalhos do Painel de Abertura, por ter sido o único espaço do qual acrescentamos uma breve síntese introdutória para talvez facilitar-lhes seguir com maior clareza o fio condutor das intervenções.

No intuito de continuar o diálogo, estamos receptivos a opiniões, sugestões e esclarecimentos que julguem pertinente enviar-nos.

Com os cumprimentos cordiais da Comissão de Formação e Transmissão da Psicanálise FEPAL.

Painel de Abertura

Os trabalhos do Painel de Abertura abordaram os temas centrais da proposta deste Congresso Didático:

O corpo de/na formação psicanalítica:

Eixo 1: A psicanálise no contexto das novas tecnologias

Eixo 2: Supervisor/supervisionando: Transmissão e posicionamento analítico.

Nas “zonas de cruzamento” dos diferentes trabalhos apresentados pelos painelistas, podemos destacar: **a)** a aceitação (ou não) da análise de formação realizada por Skype, situação não avalizada pelos estatutos da IPA; **b)** questões relativas aos efeitos da ausência do corpo real da dupla analítica e as interferências tecnológicas, na medida em que limitam o campo do perceptivo-sensorial, nos levam à pergunta sobre poder permanecer o trabalho com a transferência, o decolar fantasmático e o trabalho com as resistências; **c)** a supervisão, uma das três áreas do tripé da formação, carrega implícita em sua denominação a ideia de um super-visor que detém o saber e um supervisionando que o recebe. Como manter o difícil equilíbrio entre o instituído no saber que arrisca o coagulado e o que desafia a incerteza e habilita a “fala errante”, com a consequente quebra do dogmático? **d)** se partimos do ponto que psicanálise não se ensina, mas se transmite, como entendemos a transmissão nos três pés da formação? Partindo do suposto de que não somos nós os hermenutas, mas sim o paciente, o supervisionando, o candidato nos seminários, seria próprio de nossa tarefa dar respostas ou abrir o caminho às perguntas? **e)** uma opção atrativa à formação implica: integrar outras disciplinas ao currículo?, abrir nossas instituições para sair da endogamia?, integrar espaços universitários, sociais, políticos?

Grupos de discussão

Em seguida apresentamos os pontos abordados nos comentários dos participantes dos grupos de discussão que aconteceram em seguida ao painel:

- A ideologia institucional da análise didática sustenta a importância da alta frequência; no entanto é importante assinalar que é o paciente com seu analista, na privacidade necessária ao processo analítico, que determinam a alta frequência. Há um âmbito privado da análise que dá conta da intimidade da dupla, âmbito em que a instituição não intervém. Nesse âmbito só é preciso saber quando começa e termina uma análise. “O regulamento de minha instituição diz que a análise deve ser de alta frequência, mas não especifica o número de sessões.” Assinala esta colega que em sua instituição a entrada de novos candidatos caiu de 42 a 12 pretendentes.
- “A psicanálise pode ser ensinada na universidade, pode ser acadêmica, isso é outra coisa!” O que não exclui considerar as mudanças culturais, sociais e econômicas sempre que não se esteja em uma posição “de adaptação”. A ideia é preservar o especificamente psicanalítico.
- Um participante questiona estar o Congresso Didático ocorrendo durante o congresso e que não se mantenha o espaço dos Pré-Congressos, afirma também que a análise de candidatos deve ser feita unicamente por analistas didatas. Pela Comissão FEPAL é explicado que a mudança ocorreu por que os Pré-Congressos coincidiam sempre com os Congressos da OCAL, o que excluía a participação dos candidatos. Esta Comissão inaugurou no Congresso FEPAL 2014 a participação de um candidato no Pínel de Abertura, assim como ofereceu a possibilidade da participação dos candidatos, pois considera de suma importância o diálogo com os candidatos em formação.
- Falar de mudanças pode ser lido como um parricídio, somos diferentes dos analistas de outras épocas.
- S. Bolognini: Sobre o parricídio observa a diferença entre ser escravo de um pai persecutório ou matar o pai. A solução menos sangüinária seria que Freud, o pai, se convertesse em avô e as novas gerações pudessem fazer algo novo. O fato que a realidade muda, os países mudam, leva a IPA a refletir sobre essas mudanças, temos que avaliar sem medo, não perder a substância. Que cada uma faça o que queira é que não seria bom. Tampouco dizer que se fazem 4 sessões, quando se fazem 2. Os três modelos aprovados pela IPA dão conta das mudanças. Eu votei a favor dos três modelos. A formação de analistas tem que ser com alguém

reconhecido pela IPA, que certifique uma frequência mínima. Na IPA há um *Board* que corresponde a um parlamento. Ali pode-se mudar uma lei. Existe a proposta de alguns Institutos de se fazerem as análises didáticas 3 vezes por semana.

- Dois temas fundamentais: intimidade da dupla e ideologia da instituição. Em 2006 foram aprovados os 3 modelos, mas na realidade cada instituição tem seu próprio modelo. No Encontro de Institutos do Rio – novembro de 2015 – dizia-se que talvez haja tantos modelos Eitngton como Institutos. Desregulamentar a análise didática implica que a dupla possa realizar o processo analítico sob o regime do dever – regulamentos – mas também sob o regime do desejo. Que a dupla possa regular a frequência segundo as necessidades do processo em cada etapa e tempo da análise. Por último: O que acontece com as reanálises dos didatas? Acaso não são necessárias para o exercício de sua função?
- Uma participante afirma que surpreende-a a homogeneidade das ideias no Painele de Abertura. Escutou como “um discurso de comitê”. Apela para que se escute o que pensam os membros. Esclarece-se que os panelistas não pertencem à Comissão e que para este Congresso Didático foram convidados todos os membros e candidatos da FEPAL.
- Outro pergunta se se estará discutindo a frequência ou as bases da própria análise.
- Uma participante diz não estar de acordo com a ideia de que o Painele de Abertura tenha sido organizado intencionalmente como plataforma e que se encontra muito satisfeita com a possibilidade de poder intercambiar ideias nestes grupos de discussão. Apresenta seu testemunho pessoal sobre o fato de estar sua Sociedade promovendo mudanças a partir das propostas apresentados no Encontro de Institutos no Rio em 2015.
- Outra relata o modo deliberativo em que se trabalha em sua Sociedade em relação aos temas da formação. Um debate que mesmo sem consenso, está aberto ao diálogo e à discussão objetivando a produção de novas mudanças.
- Reitera-se a importância de sustentar a ética da psicanálise e que a frequência é uma questão da dupla em cada momento da análise.
- Argumenta-se que as mudanças na prática analítica não podem desconhecer as mudanças culturais e a realidade econômica. Cada época tem seu mal-estar e a deste tempo parece recair sobre a frequência das

sessões, mas devia-se também pensar sobre o não manifesto, o “escondido”.

- Um jovem participante conta que quando diz aos amigos que vai fazer um tratamento de 4, 5 vezes por semana, tratam-no com louco, dizem que fazer um tratamento tão prolongado e com essa frequência não é parte da cultura contemporânea.
- Psicanálise e ética são irrenunciáveis. Por que o Board tem que prescrever o número de sessões? Não haveria de ser a dupla a pensar o número de sessões para cada análise? Quer dizer, o comportamento da dupla, fundo e forma. Partindo-se de uma postura ética da dupla, nenhuma intervenção é necessária. Quando a realidade nos apresenta câmbios não podemos continuar com as lógicas anteriores sem avaliá-las. Isto é que habilita a possibilidade de mudá-las.
- Qual é a ética da psicanálise? De que se necessita para formar um analista? Está na moda falar do dogmático, mas o problema surge quando se cai em um discurso dogmático. Temos que continuar discutindo. A psicanálise traz uma contradição em si: os requisitos e regulamentos empobrecem, mas um analista não pode se formar fora da instituição, com seus regulamentos. De modo algum alguém vai convencer alguém que uma análise de uma sessão semanal forma um analista.
- Este debate, afirma um colega, está nos enriquecendo pela diversidade de opiniões. Estamos nos colocando de diversas formas. Outra coisa a dizer é que o fato de alguém ser didata não é garantia da capacidade do analista. Deve haver regulamentos. Mudanças de forma e mudanças de fundo. O poder e o abuso podem estar também nas pessoas novas. É importante discutir com rigor, não só com paixão. As mudanças feitas têm que ser divulgadas de forma clara. Os didatas podem continuar a ser bons didatas e isto é tão válido como poderem ser os jovens bons didatas.
- Outro expressa sua preocupação com o que acontece no Board. Pela América Latina forma eleitos 7 representantes, há certa desconfiança com relação a trabalhar no Board. Esta parte da forma tem que ver com o fundo, tem que ver com as mudanças.
- Outro colega expressa sua satisfação pelo trabalho de hoje. Preocupa-o um ponto: o número de sessões. Enfatiza a diferença entre uma análise de 4 sessões e uma psicoterapia de 1 sessão: pode-se chegar a extremos.

Um analista que exerce seu poder sobre o paciente não está fazendo psicanálise.

- A psicanálise tem que ser dinâmica, não pode ser estática. Estamos enfrentando o problema da diminuição de pacientes e de ingresso nos Institutos. Evidentemente temos que pensar em mudanças e também nas motivações que se escondem por detrás das propostas de mudanças.
- A frequência de sessões é um mal-estar que nos invade. Necessita-se de um mínimo de sessões, temos tido muitos debates e é importante continuar debatendo.
- É importante fazer uma pesquisa de campo. Não é suficiente apenas a demanda para diminuir o número de sessões. A frequência de sessões permite o descobrimento do inconsciente. Pensemos em cobrar menos para manter a frequência.
- Para um participante, a maioria tem a preocupação da frequência, mas não crê que esteja em jogo os fundamentos da psicanálise. Tem-se que pensar o que possibilita um processo psicanalítico. O modelo uruguaio é de 3 sessões, mas mesmo antes de sua aprovação já eram as 3 sessões. Crê que não seja a frequência o problema, mas as mudanças. É importante que psicanaliticamente se dê conta das mudanças e de nosso trabalho, sem temor e sem mentiras.
- Outro participante diz que o tema das 3 sessões por semana preocupa-o: “Cuidado com atirar de um só lugar, porque a fratura tem um custo”.
- Afirma outro colega que psicanálise e ética têm que coincidir. Pergunta: por que tanto medo de deixar a análise para a dupla? Por que a desconfiança? Parece-lhe fundamental discutir os critérios que sustentam as mudanças.
- A coerência é outro princípio destacado. Pode haver diferentes éticas no analista. É necessário que o analista seja conseqüente com sua ética em toda a análise. Trata-se de um princípio irrenunciável. Para este colega, os pacientes nas grandes cidades não podem ter 4 sessões, pois implica dispor 3 ou 4 horas por dia para chegar à sessão. Crê que seja necessário realizar algumas sessões por Skype e outras presenciais.
- Com relação à análise por Skype falou-se de sua complexidade e das múltiplas variáveis a se considerar, variáveis que pautam de formas muito diversas os encontros da dupla. Há acordo em que novas possibilidades de intercâmbio e de pesquisa abrem-se. A ausência de corporeidade intensifica outros canais de vinculação. Argumenta-se que

na alternância de sessões por Skype e presenciais pode-se inclusive sentir mais “proximidade” ao falar por Skype.

- Assinalam-se as vantagens e desvantagens do uso do Skype em qualquer análise e o ideal do presencial nas análises de formação. Consideram-se as vantagens das possibilidades que se abrem quando não é possível realizar uma análise presencial.
- Assinala-se também que as regulamentações são importantes sempre que se adequem às mudanças que ocorrem em cada época e às realidades de cada país. A tensão está entre aquilo que se preserva e o que se modifica e na possibilidade de fundamentar psicanaliticamente o porquê das mudanças.
- Falou-se da importância da frequência e do sentido que tem para as análises de formação: mais que uma imposição trata-se de uma experiência que permite criar as condições ótimas para o trabalho com o inconsciente que, no caso da análise de formação, relaciona-se com o desejo de ser analista e de trabalhar com o que implicam as transferências institucionais para o candidato.
- Destaca-se a importância do *setting* interno que se constrói no processo da análise didática.

Concluindo destacamos que:

Do resultado da soma de vozes que manifestaram diversos pontos de vista, preocupações, acordos e desacordos, fica evidente que em termos de transmissão estamos longe de termos um modelo único na América Latina ainda que, se bem todos os Institutos das Sociedades membros da FEPAL reconheçam a importância dos parâmetros adotados pela IPA, existem posturas muito diferentes em que de um lado aceitam e compreendem as vantagens desses parâmetros e, por outro, há questionamentos em prol de modificações que se ajustem às necessidades das diferentes situações ou conjunturas.

Por todos os testemunhos escutados é que esta Comissão sustenta a necessidade de diálogo permanente, mesmo considerando nossas diferenças, para se pensar a maneira que em conjunto estamos apostando na transmissão da psicanálise na América Latina.

Supervisões cruzadas

Caracterizaram-se por significativa presença de membros e candidatos, o que propiciou um fecundo intercâmbio teórico-clínico que foi favorecido, a nosso ver, por distintos pontos de vista tanto dos supervisores como dos integrantes

de cada grupo, compostos por colegas provindos de diferentes Institutos e Sociedades da América Latina.

Comissão de Formação e Transmissão da Psicanálise FEPAL

Maria Cristina Fulco – Coordenadora

Elizabeth Chapuy – Vice Coordenadora

Leda Herrmann – SBPSPaulo

Isabel Mansione – ApdeBa – IUSAM

Teresita Suarez – SPMendoza

Beatriz Behs – SBPdePalegre

Teresa Ciudad – APeruana de P

Wania Cidade – SBPRJ Rio 2

Cecilia Rodrigues – SPde Guadalajara